

Entrevista com Jane Márcia dos Santos, 24/07/2019

Local da entrevista: Sua residência no morro de Vila operária.

Entrevistadores: Débora Oliveira e Luciana Chagas Brasil.

Vídeo e áudio: a confirmar os nomes

Debora Oliveira: Ola, boa tarde

Jane Márcia dos Santos: Boa tarde

DO: Antes de mais nada é um prazer estar aqui com a senhora, na sua casa, a gente ta muito grata pela senhora ter recebido a gente e ai antes de mais nada eu queria que a senhora se apresentasse, falasse todo o seu nome completo e a idade, por favor

JMS: Meu nome é Jane Márcia dos Santos Pessoa, que mais?

DO: E a sua idade

JMS: A minha Idade... Eu to com 59 anos

DO: E ai vamos La... Quais as lembranças a senhora tem do senhor José de Jesus

JMS: Meu padrasto, a lembrança que eu tenho atualmente é que ele era vereador e... Quando fazia campanha... A gente ia fazer é... Andar pelas ruas fazendo... Distribuído panfleto fazendo propaganda sobre a eleição, a respeito dele... Só isso que me lembro, bem.

DO: Que ta forte assim na sua memóri, não é?

JMS: Isso, o que ta mais assim está forte, as campanhas, quando eu vejo as eleições por ai, vejo as meninas fazendo campanha, eu me lembro bem, me lembro da época NÃO É

DO: E como era a sua infância na vila operaria?

JMS: A minha infância... Olha, foi um pouco assim... Muito.. É que eu sempre fui assim alegre contente brincalhona, brincava muito, assim moleca NÃO É e... Cuidava dos meus irmãos e ao mesmo tempo brincava com eles NÃO É ensinava eles a brincar a dividir as terefas dentro de casa, depois de brincar, estudar, assim, foi uma infância assim não muito... Devido a minha mãe sair de manha chegar de noite e eu cuidar... Porque eu sou a mais velha NÃO É, cuidar dos meus irmãos, então eu tive que ter aquela responsabilidade de mãe, eu criança tinha responsabilidade de mãe, então toda aquela responsabilidade que minha mãe tinha que ter com os filhos dela, quem teve foi eu, eu que cuidava deles tudinho, ela tinha o não é, deixava lá, e ia trabalhar, quem tomava conta? A mais velha! E eu dava conta, cuidava dele direitinho, mesmo sem saber, cuidava deles, a vizinha falava: "ah não sei como essa criança aguenta cuidar

desse menino tão gordo assim , ninguém diz que é ela que cria, magrinha toda “coisisaadinha” cuidava dos meus irmãos direitinho não é, quando minha mãe chegava tava todo mundo dormindo, quando ela chegava “tudo bem gente” “tudo mãe” só isso que ela perguntava, o resto... Só eu que tomava conta, tudo era eu, quando um ficava doente eu ia no medico com eles, garota em, corria pro infantil, cuidava, quando a minha mãe chegava “tudo bem ?” “ah mãe fulano furou o pé, levei no medico” “ah ta bom, foi medicado ?” Ai pronto, ela so trazia o remédio e dava pra eles, quando era aquelas doenças de criança NÃO É, catapora, sarampo, essas coisas tudo eu cuidava ela só me dava o remédio “da esse remédio aqui tal hora tal hora” “ta bom mãe” eu que fui a mãe e a Irma deles.

DO: E a senhora destacou ai uma fala da sua vizinha não é, como era sua relação com os vizinhos lá?

JMS: Os vizinhos ficavam assim... Meio assim com pena não é, falavam assim aquela garota não tinha infância, fica tomando conta dessas crianças...e devido assim as condições, muito pobrezinha, carregava lata d’agua na cabeça, e subia morro e descia, pra dar banho neles, fazer comida, essas coisas ai eles ficavam com pena não é” essa bichinha tão magrinha não brinca essa menina só vive dentro de casa”... Ai quando eu brincava um pouquinho, tinha umas vizinhas que ficavam assim meio... Sei lá, não sei o que elas achavam, “ai essa menina parece que é moleque macho” porque eu só gostava de soltar pipa brincar de bola, de bola de gude, mas era pra ensinar meus irmãos pra brincar com eles, entendeu e umas vizinhas levava isso mais assim, eu sem maldade sem saber o que significava é na época “moleque macho”, moleque macho...eu descia de “patinete”, até lá em baixo,sai da frente ai meus irmãos, naqueles rolimã, e ai eles achavam que era moleque macho, e pra mim moleque macho era isso, que era fazer brincadeira de homem, pipa bola, brincava com os meninos, e ai elas não deixavam as filhas brincar comigo, porque achava que eu era moleque macho, mas eu não tinha maldade, pensava que significava outra coisa, eu não é criança nem me liguei, as vezes eu ia brincar com elas, e elas recuavam,” não vou brincar com você não minha mãe não quer que eu brinque”, ai eu “é, porque?” Minha mãe ficou dizendo que você é moleque macho, ai eu “ah ta bom, então não brinca, eu vou brincar com os garotos” ai eu ia brincar com os meninos

DO: Sozinha?

JMS: Não, eu ia brincar com os meninos, soltava pipa em cima da laje, vamos andar de “patinete”, vamos embora descer morro, olha que o morro da minha mãe era assim ó,

descia lá de cima até lá em baixo na padaria, “sai da frente”, aí me chamavam de maluca, a maluca vai passar, é doida é doida, porque eu ia em frente mesmo e meus irmãos, eu não deixava ninguém encostar neles, porque eu tinha aquela coisa de tomar conta então eu não deixava ninguém brigar com eles, quando alguém batia no meus irmãos eu “quem bateu nos meus irmãos pera aí que eu vou lá” ia igual a ia batia popopo pronto, aí resolvia, hoje esse meu irmão é advogado, Jorge não é, e ele passou uma fase da infância dele bem precária bem precária mesmo ele era moleque e saiu de casa, novinho por causa do padrasto e foi virar moleque de rua, pivete mesmo, minha mãe coitada... Eu acompanhava o “entristecimento” dela porque ela passava de ônibus e via ele no viaduto de Caxias, igual morador de rua, largado sujo e é Lá que ela descia, quando ela chegava em casa ela não passava pra mim mas eu sentia que minha mãe tava triste, aí eu via os olhos lacrimejando, ouvia ela conversando com a vizinha” ah eu vi meu filho largado lá, ele não tem necessidade disso, vivia solto em casa, tem cama, tem pouco ou mal ou ruim mas tem o que comer, mas ela não queria saber por causa do meu padrasto, aí eu ficava segurando não é, cansava de passar o viaduto e tava ele lá em baixo, marco vai buscar o Antonio, ia lá buscar ele, então ele teve uma infância assim bem difícil, mas ele não admitia por causa do meu padrasto, que cismava que meu irmão parecia meu pai e que maltratava ele, então criança sendo mal tratada o que fazia, ia procurar a rua, brincadeira, e aí minha mãe ficava.. Se virava por ali, até que um dia, um pivete aqui, jogou gasolina nele, queimou ele, minha mãe correu com ele, todo machucado, tem a marca até hoje, cicatriz e com isso ela foi indo, foi indo, conversou com ele “ vou te falar uma coisa, se dessa vez você não ficar dentro de casa você esquece que tem seus irmãos e sua mãe, você vai viver sua vida Lá na rua”, foi aí que ele voltou começou a estudar, mas fugia da escola, a gente corria atrás dele, “ seu irmão fugiu da escola” “seu irmão fugiu da escola” aí corria atrás dele , quando ia ver ele já estava lá em Caxias igual o pivete, então quer dizer, foi uma infância meio atordoada, e a gente sempre acompanhando, até que ele tomou jeito, foi indo foi indo, foi estudando até que hoje é formado advogado, não deu pro que não presta não é, geralmente não éssa fase da parte de ser viciado, alguma coisa, graças a Deus, Deus livrou ele, e foi essa vida minha de infância que eu cuidei dos meus irmãos mas eu cuidei delas assim na base da brincadeira não é, era infância, e foi assim, cuidando deles cuidando da casa, ajudando minha mãe e do meu padrasto, nas eleições,” vamos todo mundo fazer ... É... Distribuir panfleto” aí todo mundo ia, fazer propaganda dele.

DO: A senhora gostava?

JMS: Uhum, Não, não gostava não, eu gostava na hora da comida não é “tem laranja tem pão com mortadela”, ai então vamos, vamos fazer campanha,” se tem pão com mortadela a gente ia, mas a gente fazia direitinho, que todo mundo já conhecia, ah filha do seu Barbosa filha do seu Barbosa, vereador daqui.

DO: Te respeitava, não é?

JMS: É, respeitava

DO: E ai sua relação com os vizinhos sempre se deu através disso? A senhora deu destaque que eles falavam da questão da senhora cuidar dos seus irmãos... Então pra além disso eles falavam outras coisas sobre a senhora?

JMS: Que eu era moleca brincalhona, bricava muito, eu sempre ajudei os vizinhos também que na situação que minha mãe se encontrava as vezes não tinha um pão pra comprar minha mãe saia não falava nada, ai eu ajudava La na casa do vizinho, pintava uma casa, capinava o quintal, ai já ganhava aquele dinheirinho, já passava na padaria comprava um pão ai já levava toda boba pra casa,... “Janão é mas não tem café” “pera ai que eu vou buscar” ai ia lá, fazia as coisas na casa do vizinho, rapidinho, ia pra casa, comprava pão pra eles e e dava café com pão pra eles , minha mãe chegava lá e nem perguntava , sabia que eu tinha feito alguma coisa pra eles, tem coisa aqui pra senhora mãe, ate pra ela tinha, procurava sempre manter, sabe, ai meus irmão foi crescendo, ai eles iam na feira, ai... Faziam... Vendiam faziam carrinhos de caixote, leva pra moça pega o dinheiro com a moça e traz pra comprar pão, traz pra comprar macarrão, traz pra comprar carne, ai eles iam faziam as coisas e foi crescendo, tudo assim, ai depois passaram a ser flanelinha, lavar carro, já começaram cada um entendeu, entendeu?

DO: E ai.. A senhora lembra quais eram as principais dificuldades dos moradores daí da sua casa da sua família, dos outros moradores da vila?

JMS: É porque tinha muitos coitados, muito pobrezinhos não é, mas trabalhava, era empregada domestica, faxineira, não é sempre elas procuravam fazer alguma coisa pra ter o que comer dentro de casa, porque era bem precário mesmo e ai...e...

DO: Um ajudava o outro, então a senhora, disse que as dificuldades eram supridas através desses pequenos trabalhos não é?

JMS: Toda molecagem vinha, fazia bagunça na rua, mas eles gostavam, me chamavam que eu fazia direitinho, procurava, sempre fui assim de querer fazer as coisas direito, então eu procurava, procurar ver os outros pintando e ficava olhado, ai eu vou pintar, pintava na minha casa, ai dava certo, ai a moça La vou pintar, ah eu pinto La

sim, eu pinto ,ai a moça pintava casa todinha, teve uma senhora lá que morreu, da obra, que ela morreu e falou “ não pintei minha casa até hoje lé desde que você pintou”...

DO: Mas a velha morreu?

JMS: Mas a velha morreu, mas a velha morreu. Ela morreu e a casa dela ficou lá do jeito que eu tinha pintado ó onze anos, anos e ela não pintou a casa, pintei mas toda borrocada não é velha, não é, não sei tantos anos, ta lá, falei mãe ... Que coisa não é, consideração a gente... Ela ajudava muito minha mãe, as vezes não tinha as coisas, a não não tem nada La em casa,ai ela levava uma coisinha, toma leva La...ajudou muito

DO: Então seus vizinhos também tinham essa questão

JMS: Alguns que sabia das condições que minha mãe que a gente levava, ajudavam, os que tinham condições de ajudar,perguntava, tinha,toma ai, leva isso, sempre ajudava a gente em alguma coisa, foi assim que minha mãe criou os 10 filhos dela

DO: E quais eram assim os principais trabalhos que as pessoas conseguiam, seus vizinhos, que a senhora lembra do que eles trabalham a senhora destacou que muitas eram empregadas domesticas, faxineiras...

JMS: É, faxineiras, feirantes trabalhavam na feira, muitas também trabalhavam em casa de família era baba, cuidava de criança era tudo assim

DO: Entendi, e a senhora lembra de das pessoas...

DO: Assim sofrerem alguma situação de preconceito contra pessoas nordestinas ou contra negros ou contra mulheres não éssa época?

JMS: Nessa época eu não via isso não, era tudo igual, ninguém tratava ninguém assim com diferença, se tinha era escondido, porque a gente, crianças, as pessoas sabiam que a gente rebate tudo e sabiam ainda mais que tudo eu falava, muita coisa eles... Faziam escondido, poderia ate ter, assim alguma coisa, como no meu caso, de moleque macho,muitas não... Mostravam pra mim, só falavam assim: ”filha olha não brinca com ela não que ela é moleque macho” então é um tipo de preconceito não é mas ai elas não falavam pra mim, os filhos dela “o moleque macho, o moleque macho” ai eu “ mãe a garota me chamou de moleque macho, ai ela falava assim” você fica brincando de pipa brincando de coisa de menino, por isso que chamam de” moleque macho”.

DO: Isso te afetou?

JMS: Nenhuma vez, quanto mais me chamavam mais era moleque, eu fazia (risos) mais moleque eu era.

DO: Então com as outras pessoas a senhora não lembra?

JMS: Não

DO: So lembra desse preconceito que tinham com a senhora mesmo com esse negocio de moleque macho.

JMS: É, é que eu era muito moleque macho ... Até hoje minha amizade é mais com homem do que com mulher, e as garotas que brincavam comigo, ficavam mais em casa, porque a mãe não deixava, hoje em dia sao tudo... Como é? “Sapatona”, que fala hoje me dia não é, a maioria da minha idade da minha infância, que as mães não deixava, hoje em dia eu fico boba de ver, garotas bonitas, não é...

DO: E a senhora que era moleque macho...?

JMS: Eu que era moleque macho, ta vendo como as coisas andam, e...hoje em dia o que ta acontecendo, ainda bem que eu nem dava pra isso, se alguém me via ia dizer que eu sou sapatona, eu não me arrumava, não gostava de ficar botando lacinho essas coisas, meu cabelo era em pé, era bagunçado , minha mãe cortava “vem cortar esse cabelo” entendeu?... Todo mundo era igual, gato cachorro, o que for , não tem esse problema pra mim, entendeu... Eu ia pro canavial com os garotos pegar peixinho, as mães ficavam doida “essa menina é maluca”, antigamente a “afe“ não era faculdade era mata pedra e um lago, só garoto que ia pra ali, a única menina era eu, ai minha mãe ficava doida “sua filha ta indo pro outro lado do canavial com os moleques , a senhora isso e isso e isso ” minha mãe falava “não vai La não que La tem tarado”,eu tinha medo de tarado, não adiantava nada, eles falavam “vamo La, vamo do outro lado pegar peixinho!” e eu ia adoro peixe, gostava de pegar peixinho pra botar na água e fica r brincando,agora “ce” vê coisa de infância mesmo.

DO: E teve tarado?

JMS: E ai agora tarado tem perto da minha casa, que minha mãe saia pra trabalhar, por causa do meu padrasto, teve um derrame eleitoral, que eu me lembre e a gente ficou sozinha dentro de casa, o vizinho de baixo que a gente tava sentada... Derrapa assim, tava botando as coisas pra fora gente e a gente na maior inocência sem saber, ai minha Irma me chamou assim Já não é vem cá ver, a cozinha da gente era calma, tinha um buraco assim, e tava o homem lá, ai eu falava não fica ai não vem pra dentro de casa , ai a vizinha soube, a visinha viu, falou com minha mãe, foi quando a assistência social foi La na minha casa, levou a gente pro colégio interno que a gente ficava sozinha em casa, ela tinha que trabalhar não é, ai foi dificuldade,era muito, foi que ela botou ... As mais velhas eu a marta e Celia no colégio interno, Sergio e marta em volta redonda, nos ficamos em depois Araruama, ai fomos transferidas pra Niterói, ficamos La 3 anos, nesses 3 anos foi uma dificuldade imensa porque os dois os pequenininhos ficaram em

casa, a minha preocupação não era porque eles iam ficavam em casa era o tarado pegar eles... Foi uma dificuldade imensa,

DO: Maior você sabe lidar melhor, não é?

JMS: Pois e não é eu falei eu posso defender eles ai pensei e agora quem vai defender meus irmãos... Mas ai a minha mãe na época também teve uma moça uma minã éira que ela arrumou La, Pra tomar conta deles na época, enquanto meu padrasto ficou internado, até minha mãe levantar uma casa decente, porque nossa casa era tabua e zinco, ai ele... Minha mãe começou a levantar, depois de 3 anos a assistente social liberou a gente pra poder voltar pra casa, mas foi uma dificuldade imensa, o medo... E o tarado ali, minha mãe falava “não vai pro canavial que vai ter trado La”, e tinha um tarado pertinho de casa, ta vendo.

DO: O perigo mora ao lado não é

JMS: E eu não tinha medo, e quando a gente foi na delegacia que minha mãe colocou a gente no juiz e a gente não conseguia falar com medo, tremendo a voz pra falar, de falar o que ele falava, o que ele fazia não é. ..., as palavra indecente pra gente, a gente criança, eu era mais mocinha, minha Irma... Ficou com medo, fomos na delegacia pra saber se ele tocou na gente, se chegou a mexer... Não chegou a mexer, porque a distância é imensa, mas todo dia minha irmãs menores, era todo dia “ah vem cá não sei o que, bebebe”, e mexendo com as meninas, quando uma delas me chamou, a Celia, que eu olhei falei “sai daí sai daí!” Foi que tirei as duas, ai minha mãe levou na delegacia pra falar, pra saber, pra pegar ele, deveria ter pego ele... Foi uma parte da infância também que me marcou muito.

Luciana Chagas Brasil: Posso passar pra próxima pergunta rapidinho?

DO: Então... Continuando, quais são, não, quais são não, como foi a historia da construção... Da casa onde a senhora nasceu e morou, nasceu e cresceu?

JMS: Eu não nasci, porque eu nasci em Niterói, eu vim de La pra cá, eu me lembro assim com um 4 ou 5 anos ou 6, não me lembro a idade que eu vim, vim bem novinha pra cá. A construção foi que meu padrasto, ele ... Ele tinha coisa com a prefeitura, foi vereador, ganhou as eleições, coisa assim não é, Mal me lembro bem, e eu me lembro que minha mãe queria construir, ai ele faliu assim olha: vamos pegar um terreno ali do

lado, pegar um terreno ali, pela prefeitura, do lado do colégio achou um terreno, ai começou a comprar material ali, pra construir uma casa direito pra gente, e agente continuou La na outra, na primeira, e ai ele foi construindo construindo e comprando material, Ate que chegou... Ai botou ela pra La, foi na prefeitura, botou o nome dela, legalizou tudo direitinho, ai a gente foi morar pra La, saímos La de cima.

DO: Quais as principais lembranças dessa casa?

JMS: Ah essa casa tava em companhia dele, teve derrame eleitoral, foi uma drama... Entre ele e ela, que minha mãe já tava grávida do nono filho, que é o Beto e... Ela passou ela gravidez toda numa... Porque eles tinham um escritório, esse escritório tava precisando de uma secretaria, como ela tava grávida, e tava trabalhando, ela combinou com ele, apareceu essa portuguesa, dona Maria, Maria dos prazeres, dizendo que era recém casada que tava precisando trabalhar, que tava morando ali a pouco tempo e ai minha mãe com pena, ela tem coração mole não é, gosta de ajudar as pessoas, minha mae chamou Barbosa, apareceu uma moça ai, ela ta precisando trabalhar, vamos colocar ela no escritório, ta precisando de uma secretaria não é, tinha uma outra, e a senhora tava doente ai ela foi e botou essa mulher. Essa criatura... Minha mãe saia de manha pro trabalho, 5 horas da tarde minha mãe vinha do escritório pra pegar o nome do pessoal que ia fazer titulo e levar o pessoal pro fórum pra fazer titulo, ai minha mãe deu essa tarefa pra essa senhora, e o que aconteceu, ela ia, cobrava o titulo do pessoal, sem minha mãe saber, sem meu padrasto saber, e levava o pessoal pra fazer o titulo, o titulo não pode ser cobrado e foi cobrado, mas minha mãe e meu padrasto não sabiam, conclusão, um dia essa outra senhora apareceu e falou olha Dona Janão é, a senhora ta cobrando titulo do pessoal, como que é, mas não fala nada não que eu vou pegar ela, ai quando minha mãe foi ela não foi pro trabalho, ela já tava comendo dinheiro, ai não sei... Alguém contou pra ela que minha mãe tava sabendo e ela não foi mais trabalhar, ela já tinha ido na delegacia dar parte dizendo que minha mãe e meu padrasto cobravam o titulo de eleitor, foi quando deu derrame eleitora, os repórteres falando verdade ou mentira, muita coisa mentira, então assim... a mulher que deu a luz no cárcere, a minha mãe tinha passado mal do choque que a policia entrou dentro da casa da minha mãe com arma feito bandido, minha mãe com maior barrigão prestes a ganhar meu irmão, com maior barrigão e meus irmãos chorando e ei dizendo vem cá vem cá e meu irmão e minha mãe, “mãe se esconde mãe se esconde!!”, ela se escondeu atrás da maquina, com aquele barrigão, e os homens tão alucinados pra pegar ela, que não viram ela ali, “minha mãe não ta aqui não, minha mãe não ta aqui não, moço, ta

assustando meus irmãos”, e de olho na minha mãe e eu segurando a peteca toda até que eles saíram, aí quando eles saíram minha mãe se arrumou e foi, aí ela foi lá na delegacia, quando ela chegou lá meu padrasto já tinha sido preso, ele passou mal não chegou a ir preso, minha mãe começou a passar mal da barriga foi pro hospital Santo Antonio, e os repórteres dizendo que minha mãe tinha dado a luz no cárcere, que minha mãe foi presa, teve aí derrame eleitoral, foi dito aí, os repórteres dizendo que foi mentira, não sabia que eles mentiam tanto, inventaram muita coisa, minha mãe teve impinge e tudo, na porta do hospital, aquela coisa toda, e minha mãe nervosa minha Irma nasceu com problema, e a gente dentro de casa sozinho, nessa época, minha mãe no hospital, meu padrasto internado e a gente sozinho dentro de casa, aí o irmão dessa portuguesa tentou invadir a porta pra estuprar eu e minha Irma que eram as mais mocinhas não é, meia noite e quinze, eu não esqueço essa data, meu irmão mais velho “quem é?” Meu irmão fazendo coisa aí ele se afastou, não sei, por medo ele se afastou, aí quando foi de novo ele voltou, e a gente fazendo “aí não sei o que” é bicho, aí eu não, não é não, acalmando meus irmãos. Foi aí que no dia seguinte meu tio levou a gente pra Irajá, na casa da minha tia, nessa época minha mãe já estava tendo alta do meu irmão, Minha prima foi pegou meu irmão pra criar, ela teve um problema que, não conseguia, um problema que passou a infância todo no hospital, aí como o médico falou que se ela tivesse uma criança ela ficaria boa, curada e tal, aí ela foi curada, aí ela cuidou dele criou ele, mas foi o drama de infância que eu tive nessa casa

DO: E a senhora lembra de como que eram feitas essas notícias, se era jornal TV...de onde a senhora lembra?

JMS: Rádio, tv também e os jornais vinha escrito assim a mulher que deu a luz em um cárcere, derrame eleitoral Jose de Jesus Barbosa, não sei se dona Jane ou Djanira que chamavam ela, na época, a companheira ou secretaria, foi pega fazendo isso aquilo, e eu com ódio dos repórteres isso é mentira isso é mentira, não aconteceu nada disso minha mãe tá no hospital e ninguém queria acreditar, foi uma coisa ia pra casa da minha tia m, queria saber na minha mãe, queria ver minha mãe, que eu era muito agarrada com ela, como que tá minha mãe, ninguém deixava eu ver minha mãe e eu preocupada, meus irmãos ah eu quero ver mamãe, mamãe já vem mamãe já vem, mamãe foi no hospital, mamãe foi ganhar não é nem, aí eles ficavam na deles sempre perguntando.

DO: E essa história nunca teve outra forma a ser passada pelos jornais, só essa?

JMS: Só essa, eu acho, não sei se minha mãe ainda tem esses jornais guardados, a coitada a outra secretaria que tinha saído e entrado no lugar dessa foi presa e ela nem

tinha mais nada a ver que ela já tinha saído dali da do escritório, dona Genilda, até passou mal, não chegou nem a Irma presa, passou mal foi pro hospital, tinha problema de coração, ninguém foi preso mas os jornais todo mundo foi preso, teve derrame eleitoral, minha mãe deu a luz no cárcere, não chegou nem ir pra cadeira, foi direto pro hospital, doutora Djaira que atendeu ela, mas foi um drama.

DO: A senhora lembra de outras coisas dessa casa ou esse foi o que mais te marca assim?

JMS: Foi o que mais me marca foi dessa época, as eleições o meu marido, que já tava casada também, ai meu marido foi ver campanha pro meu padraço, ai nem sei o que houve La em cima, uma briga que ele acabou cortando o dedo, drama, ai quando vieram me falaram ele já tinha ido pro hospital, só veio me mostrar quando tava com curativo.

DO: A senhora lembra como essa casa foi regularizada?

JMS: Pela prefeitura? Pela mesmo, ele seu Barboza através dele, tudo certinho no nome dela as escrituras, essa casa é sua., o terreno e sua casa, dou pra você, o terreno era o colégio ai depois do colégio tinha outro terreno, que a prefeitura queria pegar aquele terreno pra fazer o colégio ai ele pediu pra dar esse terreno pra ele, ele pegou o terreno pra ele, ele tinha posse de pegar não é, ele foi o fundador dali da vila operaria ele queria terreno pra todo mundo, não ia deixar minha mãe de fora, ele pegou e deu esse terreno pra minha mãe, e legalizou tudo e foi na prefeitura, tanto que eles brigavam o tempo todo, toma o terreno mas não queriam dar a escritura e ele eu quero a escritura pra fazer segurança do que é meu, e ela tinha medo, era a visão dela, e ele brigando, brigando, ela foi la e conseguiu a escritura.

DO: tele alguém que duvidou da escritura?

JMS: Ah muitos, tinha muita gente que duvidava, porque ate hoje tem muita gente que ainda não tem escritura do terreno e ela tem, eu acho que ela é a única moradora da li da época, que tem o terreno, que tem legalizado direitinho, que tudo ali é terreno de posse

DO: Dado, não é...

JMS: Dado por ele, ele foi o fundador...

DO: E o que que essa casa significa pra senhora?

JMS: Essa casa significa tanta coia boa mas já passei tanta coisa ruim ali, essas tramas essas coisas, que eu vivi foi 11 anos ali 12 13 anos ali, casei, sai logo e fui morar em outro canto, sai logo dali, achava meio pesada, vim morar pra ca, quando sai de Niterói e vi a casa ai em cima, eu falei mãe não gostei não, vamos voltar mãe, essa casa e feia, e

eu era pequenininha, tudo que eu falava que não gostava ia acontecer alguma coisa e de fato aconteceu, todo esse drama , foi indo foi indo, ah criança deixa a criança pra La borá, foi borá mamãe vai dar um jeito, então eu vim morar aqui em baixo, melhor, não é, era bem melhor que a outra, laje, a outra era telha, zinco madeira, aqui era alvenaria chão...

JMS: O banheiro que a gente não tinha... Então pra gente que era criança foi melhor, mas foi pesado

DO: As coisas que aconteceram não foram boas não é, foi pesado.

JMS: Foi pesado, muito pesado mesmo...

DO: Foi quanto tempo morando lá?

JMS: Quase 13 anos

DO: e aí ...

JMS: Eu me casei e fui morar pra cá.

DO: Me conta como foi a trajetória da vinda da senhora dessa casa pra cá.

JMS: Ah! ainda fiquei lá mais, mais uns anos, depois que minha filha nasceu, eu tive ela, depois tive Paulinho, não é, aí depois de já crescidinho... Aí a gente comprou um terreno La em santa Lúcia Imbarie, aí eu falei que só saio da minha casa se for pra minha casa, negócio de aluguel eu não quero, quero sair pra um lugar que é meu, aí eu ganhei esse terreno La, aí eu fui toda boba pra Imbarie, disse que era o terreno de macumba, de uma dona que foi em borá e largou o “barraquinho” lá, aí entrei naquele barraquinho ali.

DO: Não foi aluguel não é foi dado

JMS: É... O fundador de lá Getulio Cabral que é o nome do lugar, a rua que eu morei foi 22 de fevereiro, aí 57, aí pronto, meu marido trabalhou na dona jurema, na prefeitura, aí ele ia trabalhando e comprando materialzinho e nos fomos construindo e construindo aos pouquinhos, até que conseguimos, mas aí estava até tudo bem até que começou negócio com bandido, boca de fumo, a outra filha era pequenininha e eu não tinha feito a inscrição dessa casa, porque quem é da prefeitura tem direito a casa, ele fez inscrição, foi aí que ele fez minha Irma trabalhava La, também ajudou também, foi aí que com 2, 3 anos, aí dei graças a deus vou sair daqui conseguir minha casa.

DO: A senhora...

JMS: Não, praticamente foi um alívio, eu vivia lá com medo, ele saía La de madrugada, com tiroteio, bandido e minha neta totalmente traumatizada... Ficava com medo e olha que eu nem tenho medo de nada mas eu ficava com medo por causa deles.

DO: Tem quanto tempo?

JMS: 15 anos...

DO: E aí o que significa no modo afetivo, do coração, ter algo que é seu, uma casa que a senhora pode chamar de sua?

JMS: Ah tudo pra mim, a maior felicidade é você ter a sua casa o seu sossego o seu cantinho, ficar tranquila, minha cabeça sossegada, entendeu?... É ótimo.

DO: Tanto pra você quanto...

JMS: Quanto pros meus filhos, pra minha mãe, pra quem quiser, olha adoro, não tem coisa melhor.

DO: Presente...

JMS: Presente da vida mesmo, eu fiz por merecer, graças a Deus to sossegada.

DO: E vai ficar aqui?

JMS: Se deus quiser aqui eu não desfaço não vendo, se eu tiver que sair, alugo, mas não desfaço de jeito nenhum, porque isso aqui é meu patrimônio, meu patrimônio, isso aqui foi com meu suor, que eu lutei passei lá pra construir e tive que dar de “mão beijada” minha casa lá com dois quartos, medindo enorme, minha casa, toda murada, de laje, pronta pra levantar 3 andares que era ela meu filho e minha neta, pra construir pra eles e não tive esse prazer de fazer isso porque, por causa das bandidagens, sai de La rapidinho...

DO: A senhora deu a casa pra alguma pessoa ?

JMS: Eu não dei não eu quis vender pra construir aqui, pra fazer a cisterna de água, aí eu falei a não vou vender vou vender, vendi barato, porque assim uma casa daquela ali deveria custar uns 20 mais de 30 mil, eu dei ela por sabe quanto? 5 mil só pra poder sair de La.

DO: Pra poder não sair de graça.

JMS: É pra não sair de graça, porque não podia deixar sozinha porque os bandidos invadem e tomam, olha aí, então é melhor pegar um dinheirinho, pra fazer um investimento, esse investimento que eu fiz, fiz a cisterna da água pra não faltar água aqui, logo no início com a dificuldade de faltar água, aí o que que eu fiz... Construí a cisterna, fiz uma cisterna enorme, não fico mais com problema de água, ah tá faltando aqui, aqui, toma e dou, com maior prazer, adoro, adoro ajudar as pessoas.

DO: A senhora poderia contar o que a senhora lembra sobre a associação dos moradores na época?

JMS: Olha a associação dos moradores era minha mãe e meu padrasto, ai quando os vizinhos bebiam e batiam nas mulheres, vinham seu Barbosa seu Barbosa ai fulano ta batendo em fulano, ai ele ia correndo levava o marido pra delegacia e prendiam (risos) e depois as mulheres chegavam La e falavam solta meu marido solta meu marido porque eu gosto do meu marido, ai soltava, entendeu... Começou a fazer essas coisas que teve a secretaria pra fazer negocio de titulo documentação essas coisas, ai começou a evoluir, mas foi minha mãe e meu padrasto, eles que foram os fundadores dali, ai foi indo, foi indo e ficou nisso ai.

DO: E... Alem dessas questões de agressões domesticas o que mais eles faziam nas associações?

JMS: Era isso... Era documento das pessoas certidões documentos que não tinham porque as pessoas não tinham nada, ah eu vim do nordeste, perdi tudo, meu padrasto dava coisa dava comida dava casa, dava documento, dava emprego.

DO: E transporte luz água ele fazia algo?

JMS: Tinha lá o seu Barboza adquiriu a light na época, pra botar luz pro pessoal, cada um pagava sua luz direitinho...

DO: E a senhora chegou a se envolver na associação?

JMS: Não. Nessa época eu era criança, ajudava muito minha mãe, minha mãe que ficava mais na secretaria, e eu como sempre NÃO É tomando conta dos filhos dela.

DO: Ela que se envolvia...

JMS: Ela, ela e meu padrasto, eles é que resolviam tudo na secretaria.

DO: E qual o significado, a ligação que tem da sua família com a associação? O que significa a sua mãe e seu padrasto terem tido essa coisa...

JMS: Orgulho deles...

DO: Por terem sido essas pessoas...

JMS: Por eles terem sido essas pessoas, pessoas importantes, agora tem muita gente nova lá ,mas na época pessoal filha da Dona Jane, filha do seu Barbosa, eu não era filha dele, era enteada mas os filhos dele La eram a gente, ele tinha a mulher dele lá, os filhos dele, mas ninguém conhecia aqueles filhos, então os filhos do seu Barboza e dona Jane eram a gente, então era orgulho pra mim, e eu gostava, porque minha mãe tem um coração bom e eu puxei a minha mãe, ela gosta de ajudar as as pessoas, ela fazia com satisfação de ajudar as pessoas, pra mim é orgulho, eu gostava de ver as pessoas evoluindo trabalhando, construindo suas casas, todo mundo tem casa de alvenaria lá vi,La operaria agora é uma cidade, porque La na época era tudo de “barraquinho” de

madeira de plástico, entendeu... Foi a época que a gente começou, agora ta evoluído então eu tenho orgulho, infelizmente ele faleceu né, mas ela ta ai pra contar a historia, dona Djanira ta ai pra contar a historia,

DO: Isso te emociona?

JMS: Muito, muito porque devido, ela fez essas coisas e ela sofreu muito, ela passou por muita coisa, então isso é um orgulho muito, muito mesmo, possa ser que meus irmãos não sintam tanta, mas eu que sou a mais velha que apanhei ali junto com ela todo sofrimento dela, ali fui eu sempre tive saúde, sempre fui magrinha, saúde graças a deus eu tenho, eu sempre me apeguei ao sofrimento dela então tudo eu estava de frente, então hoje em dia meus irmãos, tenho um irmão que é travesti, que deu problema na eleição, ele é gay, travesti não, gay, se veste de homem mas é gay, ele não conhecia o problema, ele, ele não queria saber da minha mãe, ele chamava de mãezinha mas não queria saber da minha mãe, porque ele soube de muita coisa que não tinha nada haver com a historia dele, depois de adulto ele chegou aqui em casa e perguntou Jane você que é minha Irma mais velha, vai me explicar realmente como foi meu problema com Dona Cida expliquei “tudinho” pra ele “tudinho”, essa minha prima que criou ele, ela ta cm vida graças a sua mãezinha se não fosse ela você não estava vivo, você não tem que ter raiva da sua mãe, ela sofreu muito pra ter você, você... Quando ela nasceu você... Sofreu muito por causa de você entendeu... Então muita coisa que você ouviu pela boca dos outros foi fofoca, você não sabe de nada pensa e deduz e falam pra você, mas não sabe, e você mais na onda fica maltratando sua mãezinha, ela é sua mãe de sangue, foi ai que ele colocou a cabeça no lugar.

DO: Então ele entendia a partir do que as outras pessoas falavam.

JMS: As tias as primas, deu ela não quis saber de você, criou os oito mas não quis você, tinha uma caçula que mora aqui e foi criada com uma outra prima que não podia ter filha ela não podia criar, devido o problema da minha mãe, ai ela deixou, ta bom mas traz ele todo dia pra eu ver, ai minha mãe deu, porque e sumiram com a garota e ela foi crescendo assim, não conhecia minha mãe ela teve uma filha, a neta veio aqui hoje conhecer minha mãe, Raquel, veio aqui na minha casa, ela mora no outro condomínio ela é a caçula.

DO: Qual nome dela?

JMS: Raquel. Ai eu falei assim ta vendo como que é as coisas... Ai mãe essa aqui a estefane sua neta.

DO: Como foi esse momento assim?

JMS: Foi abraço aquele jeito dela, Minha mãe não é carinhosa, ela não é aquela avó, ai minha neta, é oi tudo bem, minha filha minha neta, abraçou ai ficaram sentadas de mão dadas, a neta assim e ela, as duas, e eu só conversando e olhando não é, então quer dizer eu... Mostrei tudo pro Beto que as coisas que as pessoas falavam, que ele... Brigava com a minha mãe, onde ele chegava e falava mal da minha mãe, que minha mãe era isso, que não sei o que, e eu falava: “não diz coisa que você não sabe, procura saber a verdade”.

JMS: Fulano não sabe fulano não sabe fulano não sabe, eu vou sentar aqui com você e você vai entender, ele que veio perguntar e eu falei, vai chorar mas eu vou falar, é isso, isso e isso, falei, pronto acabou a briga e o rancor com minha mãe entendeu... Porque ele foi criado com minha prima e minha tia, Irma da minha mãe que já se foi também. Agora da minha mãe só tem ela e meu tio que mora aqui em cima, os últimos dos 15.

DO: E quais foram os principais acontecimentos da vila operaria daquela época até os dias de hoje mais marcantes pra senhora?

JMS: Só essa mudança de político que meu padraço perdeu as eleições ai ficou com problema de saúde ai se aposentou, não sei bem, ai tinha uns vereadores que eram doido pra pegar a vila operaria, e cada um foi evoluindo, fazendo suas campanhas, e chegou a onde chegou. Ninguém fez nada só meu padraço mesmo, ai quando meu padraço começou a fazer, vinha vereador pra dizer fiz isso fiz aquilo, tudo mentira, quem fez foi meu padraço mas hoje em dia ninguém quer saber não é, quem ta ali ta ganhando fama mas muita coisa ali foi meu padraço que fez ninguém fez.

DO: Hoje em dia teve nenhuma melhoria feita por algum político?

JMS: Não, O posto de saúde foi melhoria de algum político...

DO: Foi criado na época dele, mas ai tem que ter todo um...

JMS: A praça merecia um custo, mas ate hoje... Merecia bem mesmo, acho isso uma injustiça, dado o que ele foi ali dentro, mas fazer o que a gente não pode se meter com a política deles... Nem quero saber... O colégio la em cima Itaperuna que foi através dele, o vigilante municipal, nem sei se ainda existe, aquele colégio ali na entrada da vila

LCB: Tem mas é particular

JMS: Muita coisa mudou ali muita coisa mudou mesmo, a prefeitura de quem precisava mesmo não tem nada, agora é só quem pode que ta La dentro, agora vila operaria virou o que mesmo, como é o nome, aquele negocio de bandido, que esqueci o nome como que é, counidade, vila operaria é ate comunidade, sabia? Eu nem sabia

disso, virou comunidade, isso pra minha mãe e uma tristeza, eu falei mãe deixa, deixa pra La, ela ta doida pra sair de La, não aguenta mais, ela que era fundadora dali passou por coisas horríveis, agora mesmo ninguém respeita, não sabe quem é ela não é, ai bota som fica na calçada, e ela fica agoniada, já ta com certa idade, não querem saber da idade, e ela ta doida pra sair dali porque fica se incomodando com isso.

DO: Mudou muito, não é...

JMS: Se fosse da época pessoal respeitava, não, não mexe ai que é a casa da dona Jane, não mexe ai que é filha da dona Jane, e a gente descia e podia ter o bandido que fosse, não, não mexe não aquele ali é filho do seu Barbosa, respeitavam, os bandidos da outra época, porque dessa os bandidos tão demais, ta totalmente diferente,

DO: Como os moradores, não sei se a senhora sabe, como os moradores se organizaram hoje em dia pra conseguir as possíveis melhorias?...Porque naquela época era a partir da sua mãe com seu padrasto.

JMS: Muitos não tinham estudos, ai estudaram se formaram, muito foram regredindo daí, cada um foi fazer sua dependência, cada um com suas casas, comprar suas coisas, seus carros, até carro eles tem na época não tinha nem carroça nem cavalo, hoje em dia tem até carro, quer dizer, foi através deles.

DO: Hoje em dia não tem ninguém que eles possam recorrer?

JMS: Não tem não, eu creio porque Olha hoje em, dia é difícil, que eu saiba é difícil, por incrível que pareça tem uma associação La em cima em Itaperuna que eles abriram um dentista pra facilitar o povo, e isso ai alguma coisinha que eu sei benfeitoria.

DO: Entendi mas La ainda tem associação, isso que a senhora falou... É dessa associação ou é uma outra, organização que tem La?

JMS: Eu não sei te dizer, acho que e da associação, porque o dentista é dessa associação sim, creio que sim.

DO: Então tem outro grupo de pessoas que tem feito coisas na vila alem da associação.

JMS: Tem, tem sim.

DO: A senhora sabe...

JMS: Não tenho conhecimento porque não vivo La a anos, ai não tem aquela coisa, eu perdi contato com vários pessoal, do povo de antigamente.

LCB: 15 anos

JMS: É, mais de 15 anos...Que eu não to nessa casa, é isso mesmo.

LCB: Vou dar uma parada aqui, ta?! Deixa eu te perguntar porque é uma duvida quer a gente tem que colocar no papel isso, é... Anota... Você conseguem me falar os filhos que eram do seu pai e os filhos que eram do seu Barbosa?

JMS: Consigo!

LCB: Então me fala ai por nome, e por ordem de idade e por nomes

JMS: Idade... Não lembro muita coisa não...

LCB: Não precisa de idade, assim, quem chegou primeiro

JMS: Da parte do meu pai, jane, Jorge, marta, Célia, Nice, conto filhos com meu pai.

LCB: Com seu pai...

JMS: Ai com meu padrasto, Almir, Aldo, Beto e Rachel.

LCB: A Célia é do...

JMS: É do meu padrasto, é minha... Da minha mãe

LCB: Então vamos de novo...Marco...

JMS: Marco não, não é do meu pai, então vamos la de novo, do meu pai com minha mãe é Jane, marta Jorge, Célia e Janice, do meu padrasto Almir Aldo Beto e Raquel

LCB: Ta beleza, e você quando conheceu seu padrasto já era “maiorzinha” não é

JMS: Eu calculo nessa idade 6 e 7 anos...

LCB: Você tinha relacionamento afetivo com ele de pai mesmo, ou não...?

JMS: Não, não, ele era muito assim... Sei lá...que ele tinha outra mulher com filho, porque minha mãe era praticamente como amante pra ele, porque ele tinha mulher, era casado e tudo, ele morava na General Milton, 115, do lado da Clodovil. E ele ficava com a esposa e ficava com minha mãe, entendeu, e então ficava aquele vai e trás e minha mãe não gostava disso, minha mãe queria que ele ficasse ali e ele não queria que a gente chamasse ele de pai que ele tinha vergonha, ele era vereador e as pessoas conheciam ele com outros filhos, ele casado, então ele, foi onde meu irmão Jorge foi pra rua, porque ele não gostava que chamasse ele de pai, os filhos dele mesmo ele falava não me chama de pai no meio da rua não, ele era meio grosso meio ignorante, e minha mãe sentia com isso, ai eu falava “deixa pra La mãe ele é pai mesmo,deixa pra lá” ai ela dizia “não não ele é pai tem que chamar de pai sim”, e ele não queria que chamasse ele de pai no meio da rua, então quando chegou o prefeito que tava ali fazendo... As coisas na vila operaria, os pequenininhos, os bichinhos filho dele, abraçavam “pai pai!”, e ele ficava...chegava em casa e isso era motivo de briga com minha mãe, e eu não gostava, porque eles brigavam feio, briga feia mesmo, ai eu a não e agora, como que vai ser, ai quando me viam me chamavam de tia, “vem tia vem tia” pra eles não ficar com medo

apavorados dentro de casa, mãe "vem tia vem tia" pronto se trancava dentro do quarto, começava a briga, porque os filhos, entre os pais...

LCB: E quando que foi que ele assumiu verdadeiramente vir morar com sua mãe?

JMS: Ele não assumiu, ele continuava lá. Quando ele brigava com a mulher, ele ficava semanas La em casa, quando ele fazia as pazes com a mulher ele voltava, ai ficava nisso as vezes ele vinha de manha, as vezes final de semana, e voltava... Aquela coisa, não ficava nem La nem cá e enquanto isso ela foi engravidando, a raiva que tinha dela era essa ai to grávida to grávida, dizia "mãe pelo amor de deus", ela não tirava de jeito nenhum.

LCB: A mulher não ficou sabendo?

JMS: Ficou sabendo, quando minha mãe ficou doente e ele levava os filhos pra La, só que devido ser filho da amante, a mulher maltratava não é, ai o "bichim" (bichinho) ficava maltratado, ai ela traz meus filhos pra cá, ela não me deu comida, ela fez isso ela me bateu, ai pronto, não quero mais meus filhos lá não, ai ela deixa meus filhos aqui, passando mal mesmo eles ficam aqui.

LCB: E depois que essa mulher dele morreu ele passou a morar com sua mãe ou não?

JMS: Não, que eu lembre, não passou não, ele ficava na casa dele, ele tinha os filhos dele NÃO É ai ficava lá, mas vinha nos finais de semana e ficava com minha mãe, depois ia em bora.

LCB: E quais suas lembranças da construção da escola, aquela escola ali do lado da casa da sua mãe?

JMS: Lembrança da escola... A escola não lembro bem não, quando eu comecei a estudar La quando eu fui pra outra casa ai ele matriculou "a gente tudo" ali, porque a gente não estudava, já tava em pé, mas eu gosto da professora quanto diretora, muito bom

LCB: "Okay", eu acho que é isso, "caraca" muita historia, não é?!

JMS: Se eu for contar tudo dava pra escrever um livro, dia e noite dia e noite, muita coisa que eu já passei na vida.

LCB: Imagino você era a mais velha.

JMS: A mais velha... Eu via o sofrimento da minha mãe todinho eu peguei, e eu me apego a ela, e eu fico com pena dela ser sofredora, do primeiro filho ela sofreu... As próprias irmãs jogaram ela na rua, ela teve eclampse do primeiro filho, ela ficou cega, ela teve que trabalhar pra sustentar o filho, ela amarrava a roupa do meu irmão mais velho, pra ir na gazeta de noticias, pra ninguém saber que ela tinha criança, o bichinho

sofreu com ela, então ela conta essas historias, é onde eu tinha pena da minha mãe ate hoje, então quando ela fazia certas coisas, as vezes ela fazia coisas erradas... Mas por ela não saber, porque ela perdeu minha avo com 5 anos, pensa, ai a época de mocinha era aquela época de fogo não é, namorado, namorado e as irmãs corriam pra namorar “tal tal tal tal”, pegou, como naquela época diziam, fizeram mal a minha mãe, fizeram mal a mim, foi que ela engravidou sem saber que era filho o que era barriga, teve essa criança, e só deus sabe, ai as irmãs você não você arrumou então vai ter que... Agora vai pra rua, vai se virar, se vira com eclampse, cega, sofreu como sofreu, ela conta essa historia pra gente, foi onde eu me apeguei mais ainda a ela...

LCB: E seu irmão esse mais velho...

JMS: O marcos...

LCB: ele existe?

JMS: Existe, graças a deus, ta com “chicungunha” e ta La na 25 de abril, meu irmão mais velho que ta aposentado desde agora dia 20 de julho.

LCB: Antes de você vem esse irmão?

JMS: Que é mais velho de todos, que ela se perdeu, que ela fala. Entre eu e minha mãe tem muita historia, muita historia, vai ficar comm a Mao cansada só de escrever ai (risos) depois só de mim tem mais historia ainda, é muita coisa, livros e livros.

LCB: Me fala das suas lembranças com Janice indo La visitar, fazendo entrevista e agora você ta sendo entrevistada...

JMS: Não é menina, eu achei muito bacana interessante a Janice, Ficava assim “gente que moça bonita, quem é essa moça bonita mãe?”, “é a repórter, a quieta é a repórter” fica La dentro, vou conversar com ela, ai a gente ficava tudo olhando, ficavam adorando ela La, muito “bacaninha” (bacana) ela.

LCB: Você imaginou que depois de tantos anos ficavam amigas, a família...

JMS: Nunca imaginava, nunca, eu virava e “mãe e aquela moça lá “ “ah ela mora lá nos estados unidos, ela é repórter” ai eu falava “pó, será que não vai vir aqui não mãe” e quando ela veio fiquei toda alegre, fiquei contente, nossa, quantos anos, ela era bonita nova bonitona, mas continua não é, continua, mesmo senhora continua, ai eu falei nossa Janice aqui na minha casa, foi na casa da Janice, minha Irma, foi na casa do Aldo, agora tem que vir aqui, ai meu pensamento firme “ela vai bater aqui” ai veio e bateu aqui, e eu gostei muito adorei muito a Janice.

LCB: Mais alguma coisa?

DO: Não,não, Só quero agradecer novamente pela atenção e por ter compartilhado sua historia com a gente.

JMS: Quando quiser eu to aqui as ordens, só falar “Tal dia eu to ai”

(Fim da gravação, agradecimentos e despedida)